

Nietzsche e o perspectivismo sobre a cultura contemporânea

Eixo temático 3 – guerras culturais e educação.

Autor: Me. Guilherme Lopes de Queirós

E-mail: guilhermeoras@gmail.com

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Coautora: Iolanda Lourenço dos Santos

E-mail: iolandalourenco7@gmail.com

Universidade Estadual Vale do Acaraú

As guerras culturais atuais, que se enxertam por parte da extrema-direita de um pânico moral sobre os mais variados assuntos, por parte da esquerda de um volume imenso de temas a serem tratados e a autofagia por discussões difusas e pela tecnologia que hoje possibilita o acelerado acesso tanto ao que possa ser verdadeiro como ao que é falso no que se refere às informações e formações, remetem a uma crise educacional e da própria ideia de cultura no mundo ocidental. Esta pesquisa busca compreender a partir de uma perspectiva filosófica a crise educacional e a crise cultural que são o pano de fundo para as movimentações políticas do presente. Para este intento, a compreensão destes dois fenômenos, podemos nos remeter a alguns autores, entre eles está Friedrich Nietzsche. Para este a cultura perdera na modernidade o seu caráter sólido e universal que tinha em Deus a pedra angular no cristianismo europeu – o que na obra *a gaia ciência*, de 1882, Nietzsche afirmará ser a morte de Deus. Entre os seus primeiros escritos, *sobre a verdade e a mentira*, de 1873, tem especial relevância para a nossa pesquisa, pois é nesta época onde Nietzsche identifica a crise cultural sobre a verdade pela primeira vez. Neste período ainda é notória a influência de Kant e Schopenhauer sobre o jovem Nietzsche, porém o problema da relação da arte e da ciência, da verdade na cultura, já está presente desde *o nascimento da tragédia*, de 1872. No texto de 73, o que é verdadeiro seria originado de uma necessidade social para que haja o mínimo de convivência, mas que no campo da linguagem a verdade passa a ser identificar a linguagem com a essência das coisas, criando a realidade na qual a verdade parece existir objetivamente, para além do ser humano, ou seja, não fosse fundamentalmente antropomorfismo. Para Nietzsche, segundo Machado (2017), o problema sobre a Verdade remete à avaliação e a avaliação à vida, de forma que uma verdade no âmbito da cultura deve presumir o valor da existência do indivíduo avaliador. Porém o estado de suspensão de uma verdade, ou pelo menos a impossibilidade de que se estabeleça outra verdade com alguma solidez, ainda é a marca da crise que a cultura ocidental enfrenta. O ser humano hoje não pode contar com uma verdade para educá-lo, como a *paideia* na Grécia antiga, tampouco atualmente também não conta com a possibilidade de criação

subjetiva neste mundo sem a verdade objetiva. O ser humano está posto dentro da cultura como um elemento da crise que abarca o indivíduo, a disputa pela verdade em narrativas das mais diversas e o não estabelecimento de uma orientação consensual para a humanidade. A cultura aqui acompanha as crises econômicas capitalistas. Nietzsche também interpreta de forma materialista a cultura, ao menos no que concerne aos deuses, o que deve nos servir de paradigma para pensarmos este problema da verdade. Segundo Nietzsche, no *anticristo*, de 1888, um povo em decadência será representado também por um Deus decadente, enquanto um povo orgulhoso e poderoso, terá a representação de um Deus da mesma forma. Se nos permitirmos aplicar a mesma lógica à ideia de verdade, nos resta perguntar para a educação se haverá ainda por detrás uma cultura, se sim como ela se expressa? Se ainda não conseguimos estabelecer um projeto político que ao menos crie as condições de felicidade humana, então qualquer cultura recai no niilismo, restando no fundo das crises econômicas as perguntas dos indivíduos em massa: para quê? Para onde? Com Nietzsche contrapomos a certeza da inexistência de uma verdade absoluta à ideia de que a moral do período histórico no qual foi escrito um livro sagrado é eterna e deve ser universal e totalitária, que está na base dos discursos de ódio da extrema-direita contra inúmeros grupos sociais. Porém também a partir deste autor nos perguntamos se a humanidade tendo consciência da inexistência de uma verdade eterna está condenada à barbárie. Uma barbárie de caráter niilista que não carrega ingênuos e destruidores ideais românticos e nem a fé inabalável na existência celestial para os justos definitivamente ajustados às normas de uma religião. À época de Nietzsche as grandes potências europeias, senhoras econômicas do mundo moderno, produziam as condições que gerariam a primeira grande guerra mundial, quando, para Neruda, a morte estreou sua armadura de aço. Nós do século XXI não temos melhores perspectivas sobre a verdade ou a cultura que as críticas agudas nietzschianas. Para nós significa que ainda não superamos as condições que geraram as barbáries do início do século passado, de modo que a educação se aponta para se tornar mera questão de tecnocracia, principalmente em países do subúrbio do capitalismo como o Brasil, e a nossa forma moral enquanto sociedade ocidental aparentemente encontra na tecnologia muito mais espaço para suas expressões decadentes que para expressões de criação de espíritos saudáveis e potentes.

Palavras-chaves: Política – Pós-modernidade – Verdade.

Referências bibliográficas:

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. 3º ed. Ver. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo: maldição ao cristianismo**. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. . São Paulo: Cia das Letras, 2012.